

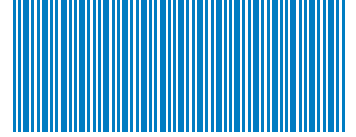
Editorial

Apresentar aos leitores interessados em educação reflexões sobre o fazer pedagógico sempre foi o objetivo fundamental da revista Veras, desde seu primeiro volume, lançado em maio de 2011. E desde aquela edição, gostamos de acolher uma saudável diversidade de pressupostos e pontos de vista, o que se repete na presente edição.

Buscando “transpor a barreira do instituído narrado, mas não realizado”, Gardia Vargas e Paulo Sérgio Fochi, autores do texto *As redes de conhecimento: uma canção em várias vozes*, trazem a experiência de duas escolas privadas de educação infantil do Rio Grande do Sul com redes de conhecimento. Para eles, a forma de transpor o terreno das intenções para a prática efetiva passa necessariamente pelo incentivo à participação das crianças em todas as fases do projeto, o qual, nesse caso, teve início com perguntas formuladas pelas próprias crianças, tão fundamentais como esta: “Para onde o sol vai quando chega a noite?”. Vale a pena acompanhar como se deu essa experiência de criação de um ambiente participativo com alunos que, por serem jovens demais, raramente são ouvidos por seus professores ou professoras.

Buscando criar um ambiente igualmente colaborativo entre os pares, as pesquisadoras Anna Karolina Santoro Borges e Luciene Regina Paulino Tognetta, no artigo *A qualidade da interação entre pares e a implantação de um ambiente sociomoral cooperativo a partir da literatura infantil*, investigaram como se formou um ambiente de aprendizagem recíproca em um trabalho envolvendo professores e alunos do ensino fundamental, em um trabalho com três livros de literatura infantil.

É também essa etapa inicial da escolarização que Sílvia Regina Robles Juhas aborda em *Ensinar a produzir textos depois de alfabetizar: desafios e possibilidades*. Em sua pesquisa, a autora analisou textos produzidos por estudantes do final do 2º ano, avaliando ainda a leitura que deles fizeram seus professores. Suas conclusões sugerem algumas carências de conhecimento sobre o funcionamento do sistema de escrita alfabética por

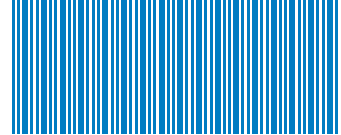


parte dos docentes, ou seja, aponta para alguns problemas de formação docente. O processo de produção de textos também é tema da contribuição de Tânia Uehara em seu artigo *O processo de produção de resenhas no 7º ano do ensino fundamental*, que analisa o trabalho de uma dupla de estudantes cujo processo de escrita foi registrado em áudio e mostrou-se próximo dos textos modelares do gênero em pauta.

Uma oportuna reflexão sobre os profissionais que atuam em formação continuada na educação infantil está presente no artigo de Maria Virgínia Gastaldi intitulado *Um olhar para a formação continuada de professores na educação infantil*. Ressaltando a importância do profissional formador que atua junto aos colegas trazendo oportunidades de reflexão e crítica sobre a prática docente, a autora lamenta a falta de políticas públicas que preparem e retenham esses profissionais nos ambientes escolares.

Por falar em investimento em políticas públicas, se há uma área em que tal investimento é imprescindível, essa é a educação inclusiva. Assim, é da maior importância o trabalho da pesquisadora Marília Costa Dias, intitulado *O aluno com deficiência em uma perspectiva multidimensional*. À luz dos principais documentos que orientam as políticas educacionais de alunos com algum tipo de deficiência, a autora aponta a perspectiva multidimensional como decorrente das “necessidades de igualar e diferenciar para garantir o direito a uma educação de qualidade para todo e qualquer aluno”. Ou seja, para ela, é necessário um esforço da escola no sentido de igualar tais alunos aos demais naquilo em que eles podem ser equiparados, diferenciando-os nas necessidades específicas advindas de cada deficiência.

Por fim, temos nesta edição de Veras dois artigos que tratam da relação entre o corpo e a aprendizagem. O primeiro, *Relações entre biologia e educação física: o olhar de especialistas sobre uma proposta de sequência didática*, de Fernanda Beraldo Lorenna, Isabel Porto Filgueiras e Magda Medhat Pechliye, abordou um projeto sobre a fisiologia do exercício que envolveu docentes das duas áreas mencionadas no título. Tal projeto, segundo as autoras, representou uma rara oportunidade de atividade interdisciplinar com a participação de professores de educação física, que geralmente se colocam à parte das demais disciplinas, dada a especificidade de seu trabalho. Já no artigo que encerra esta edição, o papel do corpo em situações de ensino de música é analisado a partir das contribuições teóricas do bailarino Rudolf Laban. *Corpo, conhecimento e música: estudos e reflexões sobre o aprendizado musical*, de Ana Luisa Fridman,



discorre sobre as sutis relações entre o movimento, a dança e os processos de cognição. Soará como música aos ouvidos de muitos professores – especialmente daqueles atuantes na educação infantil – a proposta da autora de tratar a musicalização como uma tarefa que envolve, ao mesmo tempo, corpo (em movimento) e mente. Ou, nas palavras da autora, de “uma música de corpo inteiro”.

Boa leitura!

Renata Lopes Costa Prado e Ricardo Prado (Editores)

Magdalena Viggiani Jalbut (Coordenadora do Instituto Superior de Educação Vera Cruz)

